

Revista Iberoamericana de Turismo



IDENTIDADES SOB O TURISMO: A ITALIANIDADE NO SUL DO BRASIL

Susana de Araújo Gastal

Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil. Professora da Universidade de Caxias do Sul, Brasil.

E-mail: susanagastal@gmail.com

Fabiana de Lima Sales

Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul, Brasil.
Responsável pelo Setor Educativo do Museu da Abolição, Brasil.

E-mail: fabiana.sales@museus.gov.br

Resumo

Entre as questões decorrentes da passagem da Modernidade para a Pós-Modernidade, estão as identidades, vistas pelo pensamento contemporâneo como uma construção de sentido. O artigo discute a participação da Educação Patrimonial nesse contexto, inclusive como ferramenta de validação de culturas hegemônicas. Retoma-se um estudo realizado por Sales (2006) em um museu municipal, no qual a Educação Patrimonial se dá em torno da *italianidade* ainda presente na comunidade, alimentando, entre outros, o imaginário turístico. Procura-se, nesses termos, mostrar como teorias europeias continuam sendo aplicadas no país e, nas suas adequações locais, manteriam o que Roberto Schwarz (1977) denomina de *ideias fora do lugar*. Neste amplo processo, se constitui o que estamos propondo como *identidades sob o turismo*, para avançar no seu estudo.

Palavras-chave: Turismo. Identidades. Educação Patrimonial. Italianidade.

1 INTRODUÇÃO

As marcas do lugar e, portanto, as identidades a ele vinculadas, são elementos importantes na construção de produtos turísticos, embora os estudos teóricos tendam a enfatizar os impactos negativos da atividade, em detrimento de encaminhamentos mais complexos, no que poderia ser denominado de *identidades sob o turismo*. O turismo é um fenômeno social e, como tal, posiciona-se em íntima sintonia com os momentos que lhe são contemporâneos. Na atualidade, sofre o ônus e o bônus do que tem sido chamado de Pós-Modernidade¹, momento percebido, entre outros, como regido pela fragmentação, inclusive dos sujeitos e de suas identidades.

¹ Considera-se como Pós-Modernidade, a expressão cultural da economia globalizada, como propõe Jameson (1996).

As identidades, sob a Modernidade, estiveram atreladas à construção do estado nacional, passando a se constituir a partir dos signos de lugar ou das idiossincrasias sob as quais os sujeitos de uma nação seriam vistos pelos que lhes fossem estrangeiros. Nestes termos, os ingleses seriam *snobs*, os franceses românticos, os alemães metódicos, os latinos sensuais e, os brasileiros, como *malandros* bons de samba e futebol, no melhor estilo consagrado por Carmem Miranda. O turismo de massa muito se utilizou destas identidades nacionais, como parte de seus atrativos.

Em momento mais recente, em que o turismo de massa passa a conviver com o *pós-turismo* (MOLINA, s.d), a identidade volta a ser uma questão emergente, em especial para ser questionada. Discute-se o sujeito, agora visto como fragmentado e descentrado. Para esta nova contingência da cultura pós-moderna, já não bastaria a análise da sociedade, a sua subdivisão em classes sociais ou a distribuição em nacionalidades, pois as mesmas estariam suplantada pela complexidade das questões de gênero, etnia e faixas etária. O pós-turismo, por sua vez, marcado pela emergência de tais grupos minoritários, irá incorporar a diversidade cultural daí advinda, para além da segmentação de mercado: a cultura torna-se importante insumo para produtos turísticos, em especial aquela originada nas especificidades étnicas. Agrupados em regiões ou em bairros das grandes cidades, árabes, judeus, alemães, italianos, japoneses e chineses, dentre outros, mostram sua cultura em museus, centros de memória, parques temáticas, restaurantes e festas alusivas.

Isso leva a que as localidades procurem resgatar, incentivar ou mesmo desenvolver a herança cultural tanto de suas maiorias como de suas minorias, para depois aproveitá-las na constituição de produtos turísticos. Há, desde projetos tecnologicamente ousados, como Museu do Holocausto, em Jerusalém, até propostas mais singelas, como aquelas incluídas em programas de Educação Patrimonial, mesmo que estas, num primeiro momento, nem sempre estejam voltadas ao turismo. Mas, em geral, elas são por ele apropriadas, nos seus desdobramentos, ao atrair visitantes e turistas.

A pós-modernidade ainda traz outra marca importante, que não pode ser desconsiderada quando se fala em turismo e identidades, quais sejam, os novos *nomadismos* (MAFFESOLI, 2001). Há, cada vez mais, um maior número de pessoas em deslocamentos por questões profissionais, políticas, religiosas ou de lazer. Os deslocamentos em busca de lazer, ou como partes desses, já não se constituem em privilégio das classes abonadas, sendo usufruídos por um número muito maior de pessoas - a exemplo de outros bens de consumo -, pois o mercado turístico disponibiliza produtos com preços diversificados e facilidade de pagamento. As pessoas em deslocamento e as pessoas que recebem visitantes impregnam-se mutuamente e encaminham novos hibridismos, em igual velocidade (BURKE, 2003). Ou seja, quanto maior o número de deslocamentos, mais amplas e dinâmicas serão as trocas culturais.

O presente artigo retoma um estudo de caso realizado por Sales (2006) em Museu local, na cidade de Caxias do Sul. Localizada no sul do Brasil, Caxias do Sul foi fundada no século XIX por imigrantes vindos da Itália, que então se constituía como nação. Hoje, a cidade busca incentivar a *italianidade* ainda presente na comunidade, como forma de incentivo à construção de uma identidade regional e à cidadania, mas também como insumo para criação de um diferencial turístico. Procura-se, nesses termos, mostrar como teorias europeias continuam sendo aplicadas no país e, nas suas adequações locais, manteriam o que Roberto Schwarz (1977) denomina de *idéias fora do lugar*. Neste amplo processo, se constitui o que estamos propondo como *identidades sob o turismo*, para avançar no seu estudo.

2 PÓS-IDENTIDADES

Stuart Hall (2006) teoriza que, no momento contemporâneo, o que ele denomina de *sujeito iluminista* e de *sujeito sociológico*, defronta-se com o *sujeito pós-moderno*. O sujeito iluminista, que a Modernidade consagrou, seria aquele concebido como “totalmente centrado, unificado, dotado da capacidade da razão, da consciência e da ação [...]. O centro essencial do eu era identidade de uma pessoa” (HALL, 2006, p.11). O sujeito sociológico incorporaria a complexidade do mundo moderno, submetido a “valores, sentidos e símbolos – a cultura – do mundo que ele/ela habitava” (*idem*) e com o qual estaria em constante diálogo. Mas, mesmo submetido a tais influências, o sujeito sociológico manteria a aspiração a uma unidade de ego.

A Pós-Modernidade significaria o abandono dessa aspiração, num contexto vivenciado como fragmentado nas suas experiências sociais e culturais, nas quais predominariam o excesso de estímulos, levando os sujeitos a assumirem como impossibilidade, o se constituírem em uma identidade coesa. A tendência destes sujeitos seria o desdobrarem-se em identidades, no plural, “algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (*idem*, p.13).

O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, torna-se mais provisório, variável e problemático. Este processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...] É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente (HALL, 2006, p. 13).

Neste novo contexto não só o eu e a identidade ver-se-iam como fragmentados, como seria possível falar em uma *identidade possível*, quando o passado deixa de ser uma força padronizadora e a lógica de futuro é abandonada como uma força teleológica ordenadora de um padrão ideal a ser alcançado. O que também se fragiliza são as ditas *identidades nacionais*, sob o impacto da globalização – em especial com a presença hegemônica dos meios de comunicação na sua imposição de imaginários –, mas também sob o discurso neoliberal que apregoa o estado mínimo.

As identidades nacionais constituíram-se em paralelo a ideia de nação, via reforço das forças de coesão – território, língua, sistema jurídico, sistema educacional, sistema militar, moeda, etc. – e das forças de exclusão, essas atuando sobre as diferenças que viessem na contramão dos discursos de unidade. Buscavam-se modelos que falassem em nome da nacionalidade e que criassem “comunidades culturais construídas nas mentes e memória coletiva das pessoas por meio de uma história e de projetos políticos compartilhados” (CASTELLS, 1999, p. 69). No caso do Brasil significaria que todos deveriam falar o português, proibindo-se a expressão pública dos idiomas dos imigrantes chegados ao país ao longo do século XIX; significaria ser católico, vedando-se templos não católicos e tratando os cultos afro-brasileiros como caso de polícia; significaria, ainda, não permitir maior autonomia ao sistema escolar dos estados ou mesmo aos legislativos regionais, impedindo que questões como aborto, divórcio, eutanásia, pena de morte e outros, tivessem encaminhamentos legais regionalizados; por fim, significaria tratar

manifestações culturais específicas – o samba e o carnaval – como hegemônicas e sinônimas desse Brasil idealizado.

A globalização enfraquece tal discurso de identidade nacional, no bojo da construção ideológica em torno do descrédito ao estado-nação, via discurso do estado mínimo, para, em simultâneo, valorizar as demandas das vozes emergentes, em especial, em termos étnicos e de gênero, pela (re)construção das suas identidades culturais. Afro-descendentes, italianos do sul Brasil, franco-brasileiros, dentre outras *segmentações* étnicas, irão ganhar apoio para resgatar suas histórias e para ocupar espaços públicos onde as culturas, a si inerentes, possam ser expressas. A nova riqueza cultural daí advinda tem sido amplamente benéfica ao Turismo, pois se tornam comuns nas grandes cidades, a presença de centros culturais, museus e restaurantes étnicos, assim como, nas pequenas localidades, que os moradores deixem de tratar de maneira acanhada e envergonhada o seu sotaque, a sua música, a sua gastronomia rústica (ou não) e outras manifestações culturais inerentes aos cotidianos locais. Aprofunda-se o que os antropólogos têm chamado de sentimento de *pertencimento*, o qual, mesmo que também se constitua em um discurso, possui raízes mais sólidas nas comunidades, por considerar os afetos envolvidos.

Mas, às identidades nacionais remanescentes e às novas identidades culturais, agrega-se o que Hall denomina de *identidades* sob a *globalização*. Estas identidades, construídas via mídia, criam padrões como *jovem*, *terceira idade*, *jovem mulher profissional*, *ecologista*, dentre outros. Alia-se ao discurso alimentado via meios de comunicação, a colocação de produtos específicos no mercado para atender estes *segmentos*, o que leva, por exemplo, a que o *jovem* – faixa etária que abarcaria meninos e meninas com idades que iriam de algo em torno dos 14 anos até os 28 anos, mais ou menos – tenha padrões de comportamento e consumo muito semelhantes, quer viva em Moscou, em Nova York, em Madrid, em Roma ou em Caxias do Sul, no sul do Brasil. Como afirma Castells (1999, p.79), isso não quer dizer que os ambientes locais deixem de induzir padrões específicos de comportamentos, ou identitários, apenas que eles passarão a conviver com outras forças e outras vertentes “de significado e reconhecimento social, seguindo um padrão altamente diversificado que dá margem a interpretações alternativas”.

Olhar o turismo como fenômeno sócio-cultural, para além do econômico, pressupõe, desta forma, analisar como as questões das novas identidades pós-modernas irão influenciá-lo, em especial nas novas demandas assim criadas e materializadas em novos estilos de vida e viagem, e que também, ele em si, irá modificar os sentimentos em relação ao *eu* e sua expressão, das pessoas que o praticam. Molina (s/d, p. 39) defende que: “o paradigma do pós-turismo, trata-se precisamente de entendê-lo a partir de bases diferentes, que o estruturam e o encaminham a propósitos particulares, por meio de estratégias não comparáveis as do turismo industrial e pós-industrial”.

Essas ideias têm sido incorporadas em trabalhos de pesquisa como os de Masanec e outros (2001), no qual, a partir da análise dos que eles denominam de *estilo de vida e de férias* – muito próximo do que aqui se tem procurado apresentar como marcas pós-modernas das identidades – apresentam a tipologia dos *euro-estilos*. A metodologia de trabalho, a partir do marketing, supõe que haja motivos e atitudes mentais homogêneos, levando à busca de produtos específicos, de lazer e viagens, para atender as demandas criadas no bojo destas circunstâncias. Mais, que os turistas tenderiam, em suas viagens, a optar por práticas de lazer semelhantes aquelas dos seus cotidianos. Os autores definem *estilo de férias* “como um estilo de vida temporário com o qual um turista escapa do seu ambiente diário. Inclui características observáveis e não-observáveis do turista. O estilo de férias representa um estado de espírito cognitivo e emocional, e também o comportamento que o acompanha” (MASANEC, 2001, p. 295). Isso mostra um deslocamento nos padrões tradicionais de

discursos em torno das marcas das identidades nacionais (o Francês, o Norte-Americano, o Inglês, o Brasileiro...), para modelos mais fluidos e dinâmicos, que incorporem os novos padrões identitários que, com certeza, manterão muito das identidades emergentes ou tradicionais, mas, em especial, muito das marcas das identidades globalizadas.

Por outro lado, sob o turismo e outras facetas dos novos nomadismos, também as comunidades locais defrontam-se com a questão da identidade. Os impactos do visitante sobre os grupos locais têm sido bastante estudados. Mais raros são os estudos sobre como as forças locais articulam-se, sob a lógica de reforçar as identidades locais e mesmo para colocá-las como parte da composição de produtos turísticos.

Manuel Castells (1999) fala em identidade – para ele, o que dá distinção entre o eu e o outro, entre o nós e o eles – como uma *construção de sentido*, muito embora possa parecer descoberta. Neste processo, os significados seriam construídos com base em atributo cultural ou em um “conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado” (idem, p. 22), fornecidos pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e fantasias pessoais.

A identidade, nestes termos, se constitui enquanto um imaginário, se para tal buscar-se o que Michel Maffesoli (1997, p.21) considera ao falar em uma *cultura do sentimento*, na qual predominariam “o ambiente, a vivacidade das emoções comuns e a necessária abundância de supérfluo que parece estruturar a sociedade pós-moderna”. Essa *cultura do sentimento* teria “a paixão comum de sentir com o outro, experimentar-se com outros; coisa que nada têm a ver com o racionalismo ocidental, mas que se integram bem no aspecto global, holístico, da matriz natural. Ecologia contra economia, por assim dizer” (Idem, p.35). Da paixão comum, surgiria a *religação*, termo que Maffesoli cria, segundo seu tradutor, Juremir Machado da Silva, “para dar conta de uma forma específica e orgânica de laço social marcado pela comunhão grupal e pela efervescência” (SILVA in MAFFESOLI, 1997, p. 41).

Esse clima emocional é particularmente perceptível na implosão em cadeia, que atinge o Estado-nação e os grandes impérios ideológicos. Uns e outros estão cedendo lugar a confederações que, de maneira mais leve, cimentam comunidades, de proporções diversas, repousando mais sobre um sentimento de vinculação que sobre a moderna noção de contrato social, ao qual se atrela uma conotação racional e voluntária (MAFFESOLI, 1997, p. 18).

Para Silva (2003, p. 11-12), o imaginário seria um reservatório-motor. Enquanto reservatório agrega

[...] imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras de vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e aspirar ao estar no mundo. (...) Diferente do imaginado – projeção irreal que poderá se tornar real –, o imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor.

Na mesma linha de Hall, ao contrário dos papéis sociais, que são definidos pela sociedade (Esposa, Vizinho, Trabalhador, Jogador de Basquete...), as identidades, enquanto imaginários a serem construídos, se “constituem fontes de significado para os próprios autores, por eles originadas, e construídas por um processo de individuação” (CASTELLS,

1999, p. 23) e seriam, como tal, mais importantes do que os papéis, justamente por seu componente de autoconstrução e individuação. A identidade, portanto, se organizaria a partir de significados, o que, para Castells, equivaleria a “*identificação simbólica* por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator” (*Idem*). Em outras palavras, construir identidades seria organizar significados: “quem constrói a identidade coletiva, e para quem essa identidade é construída, são em grande medida determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem” (*Idem*, p.23-24).

Ainda para o teórico espanhol, “o significado organiza-se em torno de uma identidade primária (uma identidade que estrutura as demais) auto-sustentável ao longo do tempo e do espaço” (*idem*), as já citadas história, geografia, biologia etc. A partir destes conceitos, Castells fala em *identidade legitimadora* como aquela introduzida pelas instituições dominantes, para produzir e reproduzir a autoridade dominante; em *identidade de resistência*, aquela dos grupos excluído da forma de poder dominante, e que a ela se antepõe; e *identidade de projeto*, aquela em sujeitos individuais ou coletivos procuram atribuir significado a sua experiência pessoal e coletiva, e redefinir sua posição na sociedade. A questão a colocar é *como* e *por quem* diferentes identidades são construídas e com quais resultados. Estas perguntas, do próprio Manuel Castells, orientarão a análise da proposta de Educação Patrimonial conforme desenvolvida no sul do Brasil, na Cidade de Caxias do Sul.

3 O SUL DO BRASIL E A REPRODUÇÃO DA ITALIANIEDADE

A Cidade de Caxias do Sul é hoje um importante centro econômico do sul do Brasil. Com uma população de 435.564 mil habitantes², dos quais 92,5% vivem na zona urbana, seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)³ a coloca em décimo sexto lugar no ranking nacional (PNUD/ONU, 2000). Sua história oficial remonta ao ano de 1875, quando chegaram à região os primeiros imigrantes vindos da Itália, para instalarem-se em áreas até então ocupadas pelos índios caingangues. Poucos anos depois havia na localidade, além dos italianos, portugueses, alemães, poloneses e espanhóis, mas os índios estavam praticamente desaparecidos.

O desenvolvimento local em muito se deve a sua localização, às margens da BR-116, rodovia que foi, por muito tempo, a única ligação entre o sul e o resto do Brasil. A estrada surgiu a partir das rotas dos tropeiros, comerciantes que levavam gado e outros produtos entre as regiões brasileiras, o que também incentivou o desenvolvimento comercial da localidade. Na década de 1930, o comércio local marcava-se pela venda de produtos que não seriam fabricados na área rural, como tecidos, óleo, sal, ferramentas agrícolas, louças e lampiões, óleo diesel e gasolina, demandados pela presença dos primeiros automóveis. Neste período, o enoturismo já teria sido bastante significativo em Caxias do Sul, em função da produção de uvas e vinhos na região, levando inclusive ao surgimento de um dos primeiros eventos dedicados a atrair visitantes, no Brasil: a Festa da Uva, criada em 1931.

Nas décadas subsequentes, a diversificação industrial – em especial a metal-mecânica – levou ao quase abandono do turismo pela cidade. O sucesso do enoturismo em outros municípios da região, fez com que Caxias de Sul, a partir dos anos 1990, volte a procurar o turismo como opção econômica. A Festa da Uva continua sendo realizada bi-anualmente e o poder público vem concentrando esforços no incremento à atividade

² Fonte: IBGE, Censo Nacional 2010.

³ Índice elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, para avançar ao simplismo da renda per capita, como avaliativo do grau de desenvolvimento de uma comunidade.

turística. Em agosto de 2003, por exemplo, foi criada a Secretaria Municipal de Turismo, ampliando os recursos financeiros aplicados na atividade.

Em termos turísticos, a infraestrutura local é composta por 26 estabelecimentos hoteleiros, que disponibilizam aproximadamente 3000 leitos (SHRBS, 2004), dezenas de restaurantes entre cozinha regional e internacional, parque de exposições, um centro de convenções em fase de construção, e uma atividade comercial diversificada e intensa. Alie-se a isso, um patrimônio composto por prédios remanescentes do início do século XX, heranças constituídas a partir da religiosidade dos primeiros moradores na forma de igrejas e seus complementos, como obras de arte (pinturas e esculturas), vitrais e marchetaria; prédios e objetos relacionados aos fazeres coloniais cotidianos e à produção de uva e vinho.

3.1 O Museu Municipal e a reprodução da identidade

Entre os prédios que se destacam está o do Museu Municipal, que reúne no seu acervo testemunhos de época, na forma de objetos de uso pessoal, instrumentos e ferramentas de trabalho, ornamentos decorativos, imagens religiosas, brinquedos, documentos, enfim, objetos produzidos pelas pessoas e por elas utilizados, para relacionar-se e criar seu mundo. O Museu foi criado em 1947, mas só em 1975, durante as comemorações do centenário da imigração italiana no sul do Brasil, instalou-se no atual endereço. O prédio data de 1884, e era moradia da família italiana Morandi Otolini, antes de sediar a Prefeitura e muitos dos seus serviços. O prédio teve sua inscrição no Livro do Tombo de Caxias do Sul em 2001.

A sua museografia retrata a trajetória dos italianos e seus descendentes estabelecidos na antiga Colônia Caxias, desde 1875. O acervo permanente descreve visualmente a forma de vida dos imigrantes, seus descendentes e as relações estabelecidas com as demais etnias presentes na região e o processo de ocupação e apropriação do espaço. Segundo Dal Bó e outros (1999), a museografia implementada teve por preocupação “dispor os objetos em uma seqüência lógica que fizesse sentido para todos os visitantes e não só para especialistas, produzindo um discurso museológico inteligível através da produção material ali exposta”. Assim, segundo os autores,

[...] a idealização da nova terra, as incertezas da viagem são retratados na primeira sala. A seguir, vêem-se os objetos e utensílios que ajudavam os imigrantes a superar as condições impostas pelo meio e a tristeza da separação, criando condições para construir uma nova vida. As habilidades e técnicas traduzem-se nos espaços dedicados ao linho, dressa, taquara, cipó e vime. Aqui também se visualiza a riqueza da região, traduzida nos instrumentos utilizados na produção vinícola. As características do espaço urbano são configuradas na terceira sala, seguida da arte sacra que, através das imagens rústicas de santos e na profusão de paramentos e alfaias, traduz a religiosidade dos imigrantes. O baratilho e a reprodução do interior de uma funilaria destacam o significado do comércio e da indústria na região. A última sala apresenta as diferentes formas de lazer e, daí, pode-se chegar ao pátio externo, que abriga peças de ferro, bronze, pedra e barro.

Os ambientes que compõem o circuito de visitação pelo acervo do Museu Municipal, dessa maneira, apresentam como temáticas a viagem, o trabalho, a cozinha e a marcenaria dos ítalo-descendentes; o tropeirismo, para representar o comércio; o artesanato, o vinho e a vitivinicultura, também associados aos italianos; a saúde, o

dormitório das famílias, a arte religiosa, a arte cemiterial, o mercado, a indústria (mais especificamente, a Metalúrgica Eberle, a pioneira na cidade), o divertimento e os brinquedos infantis. Por fim, há sala para exposições itinerantes.

A partir de 1997, o Museu foi restaurado e teve reorganizado o seu acervo dentro de uma nova concepção museológica, que incluiria um programa de educação patrimonial, que inicia pela busca do engajamento da comunidade na recuperação do acervo cultural da cidade, modificando a ideia de que caberia exclusivamente ao poder público a responsabilidade pela salvaguarda e preservação do patrimônio cultural coletivo. Em 2001 foi criada a associação Amigos da Memória e do Patrimônio Cultural de Caxias do Sul.

A elaboração e concretização desses projetos levou em consideração as discussões atuais sobre a conceituação de patrimônio cultural considerado como toda a produção humana, de ordem emocional, intelectual e material, independente de sua origem e época ou aspecto formal, bem como a natureza, que propiciem o conhecimento e a consciência do homem sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia (DAL BÓ et al, 1999, p. 270).

Os vídeos produzidos e disponibilizados como parte da proposta de educação patrimonial, têm entre seus títulos *Azãres da Sorte: O jogo na vida dos moradores de Caxias do Sul e arredores*; *O fio da história: Memórias de Caxias do sul e sua gente*; *Os Italianos no Rio Grande do Sul*; *Outras Mulheres: O universo do trabalho feminino em Caxias do Sul*; *Estação do Vinho*; *Múltiplos perfis: A paisagem e o homem do interior de Caxias do Sul*. As exposições disponibilizadas pelo Museu, quando da pesquisa de Sales (2006) eram as seguintes: *Os italianos no Rio Grande do Sul*; *Retratos velados: Fotografias de Julio Calegari*; *Flores de Metal: A utilização dos esmaltados na Serra Gaúcha*. Na mesma oportunidade, o programa de educação patrimonial envolvia, em especial, professores e alunos da rede pública de ensino, buscando transformar este público em agente divulgador do programa. Segundo a direção do Museu, um ponto de destaque estava na forma como o cidadão comum passou a se comunicar com o Museu por meio de doações, sugestões e, principalmente, no pedido de orientação face à situação de algumas edificações da cidade, cuja preservação os preocuparia.

Entre os trabalhos ali realizados, está aplicação de princípios e técnicas da Educação Patrimonial.

3.2 Educação Patrimonial no Museu

A Educação Patrimonial envolve

[...] um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA et al, 1999, p. 6).

No processo de Educação Patrimonial, o patrimônio cultural é tido como um recurso educacional, que complementa as demais disciplinas curriculares, agregando-lhes

novos conhecimentos e possibilidades, por apresentar a realidade local, a qual o educando estaria familiarizado. Horta e outros (1999) afirmam ainda que a Educação Patrimonial é um instrumento de *alfabetização cultural*⁵, à medida que ela possibilita que o indivíduo envolvido faça uma leitura diferenciada do meio em que vive, da sua realidade sociocultural e histórica, entendendo melhor sua trajetória como membro de uma comunidade, passada e presente. Esse processo teria reflexos na autoestima do indivíduo e da comunidade, que por sua vez, irá atribuir novo significado ao seu patrimônio cultural.

Nesse processo, também serviria para construir e reconstruir identidades, no que colaborariam as práticas propostas da Educação Patrimonial. Tais práticas consistiriam em criar situações de aprendizagem em torno do patrimônio cultural, levando os participantes a relacioná-lo com sua vida cotidiana, despertando cada vez mais surpresa, curiosidade e interesse pelo tema. O objetivo de tomar um objeto ou bem cultural como fonte primária de conhecimento reside na decomposição da rede de relações sociais e o contexto histórico-social em que tal objeto foi produzido e utilizado, e ao qual se atribuiu valor. Logo, o objetivo da Educação Patrimonial é o de esmiuçar, a partir de um objeto ou um conjunto de objetos, toda uma forma de vida das pessoas no passado e no presente, dentro da perspectiva de continuidade e transformação.

Segundo os teóricos, a aplicação da Educação Patrimonial junto a crianças em idade escolar seria particularmente recomendável, à medida que tais educandos estariam, ainda, a construir sua bagagem simbólica e os valores morais que possivelmente serão incorporados ao indivíduo adulto. Por meio de um processo de Educação Patrimonial continuado, o futuro adulto terá consigo noções de preservação e sentimento de identidade para com o seu patrimônio cultural: “O trabalho de Educação Patrimonial pode assim ser visto, ainda, como fator de desenvolvimento intelectual e psicológico, afetivo e cognitivo, ativando os processos mentais superiores e enriquecendo a memória individual e seus mecanismos de registro e recuperação” (HORTA apud POSSEL, 2003, p.101). Nestes termos, a Educação Patrimonial seria ferramenta importante na construção da cidadania.

O trabalho de Educação Patrimonial, realizado no Museu, mais especificamente na forma do projeto *Aula no Museu*, supunha uma visita guiada por monitores e a exibição de vídeos temáticos. No estudo aqui relatado⁴, realizado ao longo de 2005, a observação no local mostrou que a monitoria, sempre que possível, procurava fazer colocações em tom de brincadeira, provocando o riso dos alunos, além de formular elogios à cidade, como, por exemplo, quando pergunta aos participantes: “*Caxias tá bonita hoje, não tá?*”, para explicar como as outras etnias, e não apenas a italiana, contribuíram nesse processo.

A monitoria contextualizava determinadas informações, utilizando objetos disponíveis no acervo para explicar sua utilização e, a seguir, apontar para uma fotografia ampliada num quadro na parede, onde o citado objeto estivesse efetivamente sendo utilizado. A menção, por meio do acervo, a atividades do cotidiano do grupo, era utilizada para explicar, por exemplo, como, com os recursos disponíveis em finais do século XIX, os primeiros imigrantes italianos levavam em média uma hora para preparar a *polenta*⁵, prato regional hoje famoso. A monitoria ressaltava, ainda, as diferenças de classes sociais observáveis por meio dos utensílios domésticos utilizados no âmbito familiar dos

⁵ Termo originado nas obras de Paulo Freire (2002) – alfabetização como ação cultural –, referente a uma forma de alfabetizar a partir da leitura do mundo do educando, o que antecede a leitura da palavra. A alfabetização cultural capacita o indivíduo a compreender seu universo sociocultural, reconhecendo-se de forma consciente, seus valores e sua memória enquanto indivíduo e enquanto membro de um grupo social.

⁴ V. Sales, 2006.

⁵ Prato a base de farinha de milho e água, base alimentar importante no período colonial e mantida, pela tradição, na alimentação local.

imigrantes, como as painéis de ferro e painéis de material esmaltado, classificadas como as de famílias ricas e as de famílias pobres.

Na medida do possível, a monitoria tentava, por meio do acervo, levantar questões polêmicas e ao mesmo tempo atuais como, por exemplo, quem trabalharia mais, se o homem ou a mulher imigrante. Situação similar ocorreu quando da comparação entre o ritual de namoro nas famílias imigrantes e o namoro nos dias de hoje, perguntando qual dos dois tipos seria o melhor. Mas, dando pouca chance de resposta ao grupo, a monitoria segue dizendo que “naqueles tempos idos” não haveria tantas adolescentes grávidas ou contaminadas por doença sexualmente transmissíveis, como encontrado, agora, na sociedade local. Ocasionalmente, os alunos associaram objetos do acervo a um marco da cidade, como por exemplo, quando uma aluna reconheceu na miniatura de um busto do industrial Abramo Eberle, como o mesmo disposto na praça central.

As atividades finais obedeciam à temática principal estabelecida para o trabalho do grupo. Quando a temática era, por exemplo, a diversidade das etnias encontradas na cidade (questão que, ao menos de forma tangencial, sempre era abordada na Aula no Museu), realizavam-se atividades com cartões contendo a descrição de várias características étnicas, como religião e hábitos alimentares, observadas na localidade, e cenários montados com as roupas e ornamentos do Museu, representando diferentes grupos étnicos. As etnias representadas eram a indígena, a portuguesa, a alemã, a africana, a italiana e a *gaúcha*⁶. De acordo com o tempo disponível para as atividades lúdicas, o grupo podia, ainda, participar de jogos, como, por exemplo, o Bingo, no qual cada participante recebia um cartela com seis desenhos de brinquedos utilizados por imigrantes italianos, que retratavam, contudo, a presença de outras etnias como influência sobre a cultura italiana original. Ou o jogo *Quem sou eu?*, em que o grupo recebia um cartão contendo o nome de um objeto exposto no acervo, ouvia a descrição e função do mesmo para, a seguir, associar a descrição e o desenho do objeto ao nome escrito no cartão.

Um outro ponto a destacar seria a inclusão da temática *imigração italiana* no conteúdo curricular da terceira série do ensino fundamental. Assim, alunos de turmas mais adiantadas mostravam-se despreparados sobre o assunto (ou não se lembrariam mais dele), o que geraria a necessidade de a monitoria retomar a questão, com uma introdução a todo o processo da emigração italiana, para que os alunos pudessem melhor contextualizar as condições socioculturais e econômicas da sociedade que produziu todo o acervo ali presente.

Registros verbais dos monitores atestam que a criança reproduziria, em casa, o ouvido no Museu:

Sábado e domingo o quê que a gente recebe? As crianças que vieram durante a semana trazer os pais pra ver o acervo. E daí elas querem explicar [...]. Elas explicam, elas pedem ajuda da gente e elas vão explicando: é assim [...] Quando é criança pequena é apaixonante de ver. Mas a maioria das visitas que a gente recebe no final de semana, que não seja de fora, é crianças que vieram durante a semana com a escola, trazendo os pais, os amigos e familiares.

A utilização do patrimônio cultural, no contexto da Aula no Museu, é sobremaneira um recurso educacional, eixo e elemento principal do desenvolvimento da aula. As peças do acervo funcionam como elemento em cima do qual se constroem as falas e se

⁶ Por *gaúcho* entende-se um tipo regional da fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina e o Uruguai, dedicado na sua origem aos trabalhos no trato do gado. Tornou-se, depois, designativo de todos os moradores do estado do Rio Grande do Sul.

contextualizam os aspectos constituintes da organização social dos imigrantes italianos, que levaria ao desenvolvimento da cidade.

Percebe-se, pela descrição apresentada, que a Educação Patrimonial funcionaria como reforça de uma identidade étnica, em relação a de outras etnias presentes na mesma sociedade.

5 ENCAMINHAMENTOS FINAIS

A Educação Patrimonial possui no seu ideário, a aspiração a que o patrimônio cultural, material e imaterial, insira-se no cotidiano das comunidades e, como tal, passe a alimentar as identidades e o exercício de uma cidadania ativa. Aliás, esta complementação no que se refere à identidade e cidadania, talvez seja uma ampliação dos objetivos originais, da proposta européia, mais preocupada em ater-se a utilizar os objetos patrimoniais como recursos didáticos.

A ênfase no *alimentar* identidades, por outro lado, não pode ser desvinculada do fato de que as identidades, sob a Pós-Modernidade, se dão como construção de sentido, ou seja, como um imaginário a ser construído e permanente reconstruído, no pessoal e no coletivo. Retomando Manuel Castells, este imaginário manifestar-se-ia no que ele denomina *identidade legitimadora*, como aquela introduzida pelas instituições dominantes, para produzir e reproduzir o *status quo*; em *identidade de resistência*, aquela construída pelos grupos excluídos; e *identidade de projeto*, aquela em que os sujeitos, atribuindo significado a sua experiência pessoal e coletiva, redefinem sua posição na sociedade.

A Educação Patrimonial constituir-se-ia como uma metodologia de trabalho, digamos assim, que, conforme sua aplicação e manejo, poderia tanto alimentar identidades legitimadoras, como identidades de resistência ou, em termos do ideal de sua filosofia, ao atribuir um significado à experiência coletiva e redefinir posições sociais, à identidade de projeto. A diferenciar as três identidades, a discussão sobre quem seria o sujeito destas ações, e quem e como seria por ela beneficiado. Estas diferentes identidades, sob o turismo, verão ampliados os efeitos de sua construção de sentido, pois a dinâmica dos fluxos humanos obriga os atores envolvidos a movimentos sempre novos.

No estudo realizado no sul do Brasil, o que se destaca no processo de Educação Patrimonial ali desenvolvido é o reforço de uma identidade associada à italianidade. Sob a ênfase do resgate das identidades locais, estimula-se o exercício de uma cidadania alimentado por tradições que reportariam aos primeiros migrantes europeus a chegar à região – portanto, históricas –, em um discurso que reforça o papel do trabalho e o sacrifício físico como forma de se tornar um sujeito com sucesso financeiro e social na comunidade. O exemplo viria dos primeiros colonizadores europeus que, chegados ao Brasil praticamente com a roupa do corpo, em menos de um século teriam consolidado uma das áreas industriais mais sólidas do país, num padrão encontrado apenas em algumas áreas europeias de excelência.

Destaque-se, nestes termos, que, como apresentado, se os italianos constituíram a presença hegemônica entre os fundadores da localidade, em menos de duas décadas outras etnias se faziam presente contribuindo, com seu trabalho, para o crescimento local. Conforme o processo de industrialização avançou e consolidou-se ao longo do século XX, a diversificação étnica foi uma constante, sendo que hoje, dados extraoficiais encaminham que os ítalo-descendentes comporiam algo como 30% dos moradores da cidade. Entretanto, as elites econômicas e culturais locais, ainda hoje, são compostas fundamentalmente por pessoas portadoras de sobrenomes italianos, uma elite que começa

a ver seu poder local ameaçado com a globalização da economia, trazendo para a região outros capitais, que se sobrepõem aos locais.

Neste contexto, o turismo ressurgiu nos discursos locais, transformando a herança étnica em capital simbólico, para manutenção do *status quo* social, na ausência do capital econômico. Em termos de turismo, a disputa pelo papel de ser o “polo centralizador da marca italiana”, também se vê ameaçada pela atividade vitivinícola e de enoturismo, cada vez mais profissional e bem sucedida nos municípios vizinhos. Sob a lógica de formatar produtos turísticos *típicos e autênticos* – num discurso mais próximo da Modernidade do que da Pós-Modernidade – recorre-se ao resgate da italianidade como diferencial que, no caso, menos do que uma diferença, seria uma forma de alinhar-se ao discurso regional hegemônico, todo ele também baseado na mesma herança cultural expressas na cultura da uva e do vinho, na religiosidade, na gastronomia e no discurso em torno do valor do trabalho. Este discurso está presente na folheteria turística produzida, assim como no *site* oficial, que apresenta a cidade da seguinte maneira:

Caxias do Sul é hoje, o pólo centralizador da região mais diversificada do Brasil, com seus laboriosos colonos, seus vastos parreirais, suas vinícolas, seu variado parque industrial e um comércio rico e dinâmico; dando a esta terra uma dimensão ainda maior, razão essa que "Caxias do Sul", a "Capital da Montanha", a "Pérola das Colônias", a "Colméia do Trabalho" é, por si só, o pólo centralizador da marca italiana no sul do Brasil. [...] Junto com os imigrantes, outras etnias partilharam desse caminho. Aconteceram a miscigenação e a aculturação. Cantos e linguagem, hábitos e tradições se aproximaram. Ao lado do lastro cultural itálico, convive a bela tradição gaúcha. O churrasco e o vinho, a polenta, o galetto, as macarronadas, ao som de belas letras trazidas da longínqua Itália e de outras já produzidas na terra de cá dão matizes, sonorização e sabores especiais à culinária típica desta Metrópole. É a fartura do Sul aliada ao sabor especial do tempero italiano.⁷

A Educação Patrimonial, conforme realizada no Museu local, em especial, parece encaminhar no sentido de um reforço da italianidade, mesmo que os participantes, na sua maioria, pertençam a outras origens étnicas. Como apresentado, o Museu organiza-se em torno dessa herança, mesmo que as falas dos monitores alertem sobre a presença de outras etnias no local. O mesmo se dá com os vídeos e as exposições, que seguem a mesma lógica identitária. A italianidade também é alimentada nos conteúdos da escola, com módulo específico em seu currículo sobre a imigração italiana. Dessa maneira, mesmo com as ressalvas verbais à presença de outras etnias, o discurso da Educação Patrimonial é construído de forma a alimentar um viés identitário, em detrimento de outros, o que leva a supor, antes de tudo, a construção de uma *identidade legitimadora*. Ou seja, a teoria e a metodologia a serviço da ideologia dominante. O turismo, com sua produção de materiais que vão do folder à página *on line*, também se soma ao reforço de tal construção de sentido, daí termos denominado a esse processo como de identidades sob o turismo.

Estes encaminhamentos permitem retomar a reflexão de Roberto Schwarz (1977) sobre o sistema colonial do Brasil, no século XIX. Neste período, um país ainda sob o regime monárquico, encaminha-se, primeiro, à emancipação de Portugal – acontecida em 1822 – e, depois, ao regime republicano – o que aconteceria em 1889 –, ambas acalentadas pelo ideário das ideias liberais de liberdade e igualdade, que alimentaram a Revolução Americana e a Revolução Francesa. Entretanto, as mesmas lideranças que as apregoavam,

⁷ Disponível em: http://www.caxias.tur.br/historia/historia_index.htm.

tinham a seu serviço o trabalho escravo, como básico para manutenção da economia agrária então praticada. Ao mesmo tempo, a economia colonial se voltava ao mercado externo, sob a égide do discurso burguês moderno, direcionada ao lucro sob o discurso das liberdades e do trabalho livre e da eficiência. Em outras palavras, o que se praticava no plano das ideias, não tinha paralelo nas práxis.

Para justificar tal postura, os escravocratas da época diziam que hipócritas seriam não eles, mas os ingleses que, ao mesmo tempo em que falavam em trabalho livre, deixavam os operários morrer de inanição nas suas fábricas. Na América, ao contrário, os escravos seriam bem alimentados, bem tratados e... felizes. Mesmo os trabalhadores livres – aqueles que não seriam nem proprietários nem escravos – acabavam prisioneiros de um sistema econômico e laboral não regido pelas normas do mercado, mesmo que capitalista, mas pelo favor dos poderosos, ao permitir-lhes seu exercício profissional. Nas palavras de Schwarz, estava armado o nó: as ciências, que defendiam a eficiência do trabalho livre, seriam *fantasias morais*; o obscurantismo escravocrata, *realismo e responsabilidade*; o ideário liberal, como praticado no Brasil do século XIX, *idéias fora do lugar*: “adotados as idéias e razões européias, elas podiam servir e muitas vezes serviam de justificação, nominalmente ‘objetiva’, para o momento de arbítrio que é da natureza do favor” (SCHWARZ, 1977, p.).

Retomando Schwarz e as ideias fora do lugar, a situação da Educação Patrimonial, quer como teoria, quer como prática, parece mostrar que, por melhores que sejam certas teorias, se deslocadas da realidade que as criou, elas correm sérios perigo de servirem a fins outros, que não os originais. No caso da Educação Patrimonial, a proposta, meritória na gênese, na sua aplicação pode encaminhar o reforço à manutenção do *status quo*.

Por esta razão, políticos e acadêmicos começam a propor que as *políticas de inclusão* sejam substituídas por *políticas de diferença* e *políticas de reconhecimento*. As minorias descobrem que, talvez, ser incluído pode significar, apenas, uma nova forma de subjugação.

TOURISM AND IDENTITIES: THE ITALIANITY IN SOUTH BRAZIL

Abstract

In the moving process from Modernity to Post-Modernity, the identities are seen by contemporary thought as a meaning construction. This paper discusses the involvement of Patrimonial Education in that context, as a tool for validation of hegemonic cultures. We take up a study conducted by Sales (2006) in a city museum, where the Patrimonial Education occurs around the italianity still present in the community, feeding, among others, the tourism imaginary. We seek to show how European theories continue presents in Brazil in a way calls by Schwarz (1977) as ideas out of place. In this process we are proposing to use the term tourism identities to proceed the study.

Keywords: Tourism. Identities. Patrimonial Education. Italianity.

REFERÊNCIAS

BURKE, P. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DAL BÓ, J; IOTTI, L.H.; MACHADO, M.B.P. (Orgs). In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA. **Anais...** Caxias do Sul: EDUCS, c1999.

- FREIRE, P. **A ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HORTA, M. L.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.
- JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1996.
- SOARES, A. L. R. (Org.). **Educação Patrimonial: relatos e experiências**. Santa Maria: EdUFSM, 2003.
- MAFFESOLI, M. **Sobre o nomadismo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MANZANEC, J. A. et al. Análise do comportamento do turista com tipologias de estilos de vida e de férias. In: THEOBALD, W. F. (Org.). **Turismo Global**. São Paulo: SENAC, 2001.
- MOLINA, E. **El posturismo**. México: Edição do Autor, s.d.
- POSSEL, V.R. Educação patrimonial, cultura material e identidade em São Martinho da Serra-RS: Projeto-piloto para exposições arqueológicas itinerantes. IN: SOARES, A.L.R. (Org.). **Educação Patrimonial: relatos e experiências**. Santa Maria: EdUFSM, 2003. p.97-107.
- SALES, F. L. **A educação patrimonial e o turismo: o caso da aula no Museu do Museu Municipal de Caxias do Sul – RS**. Dissertação. (Mestrado em Turismo). Programa de Pós-Graduação em Turismo. Universidade de Caxias do Sul, 2006.
- SOARES, L. A. R. Educação Patrimonial: valorização da memória, construção da cidadania, formação da identidade cultural e desenvolvimento regional. IN: SOARES, A.L.R. (org.). **Educação Patrimonial: relatos e experiências**. Santa Maria: EdUFSM, 2003.
- SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- SILVA, J. M. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

Artigo recebido em 30/04/2012. Aceito para publicação em 19/06/2012.